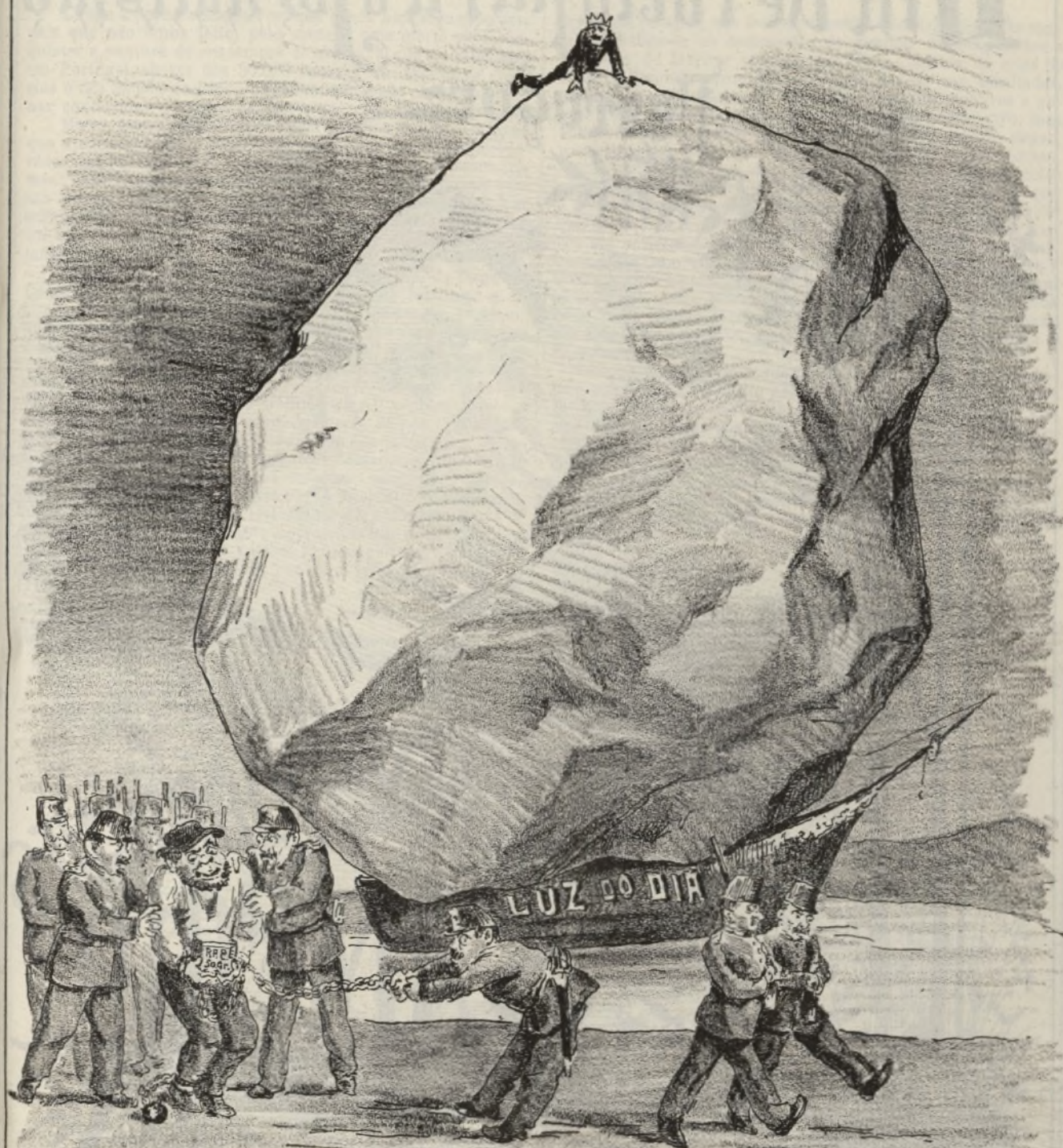


# À LUZ DO DIA



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Ze Povinho — Não me matem, que eu trago só um bote de rapé.  
Justiça — Pois trouxesse um cahique, seu pedaço de ladrão.



# Dia de lucto para o Journalismmo PORTUGUEZ



Nós que tanto gracejamos com a sua individualidade politica, emudece-  
mos perante a perda de tão illustre jornalista e lavramos sobre a sua campa o  
testemunho sincero do nosso grande pezar.

MICHEL BORRÁS LO PINHEIRO



## AS CADEIAS

Chega a parecer impossível que ainda haja alguém n'este paiz que não tenha feito, pelo menos, uma morte para conquistar a ventura de uns tempos de cadeia. E' que a publicidade em Portugal, apesar dos 30:000 leitores do *Diario de Noticias* e dos 25:000 do *Diario Popular*, ainda não chega para tornar conhecidos de todos os factos que mais lhes interessam.

Muita gente, que ainda lê pela cartilha antiga, imagina que uma cadeia é um local horroroso, onde todos os encarcerados são miseros, chegando a inspirar dó apesar dos seus crimes; onde os carcereiros e guardas usam chicotes de tres pernas nunca ausentes do sangue dos presos; onde os ratos e as aranhas são os companheiros do desditoso; onde o sol não entra e o pão negro e a classica bilha de agua são o avaro sustento do encarcerado.

Isso foi no tempo dos romances da Bastilha, da Torre de Londres, e da Torre de S. Julião, tempo de fusilismo e de atraso, em que um preso era como um animal bravo, condemnado á exclusão perpetua da sociedade a que pertencia, como que um membro amputado e lançado á valla.

Hoje o caso muda de figura, graças aos adiantamentos modernos, e como modelo n'esses progressos temos a cadeia do Limoeiro a dar exemplo á Europa. Ali o preso já não é um numero, é um homem e um pandego. Já não leva chicotadas dos guardas, mas esfaqueia-os; não é sequestrado á sociedade, dão-lhe boa companhia lá dentro e deixam-no communicar com as pessoas das suas relações, das quaes recebem geropigas, facas, punhaes, e outros mimos para entretenimento dos seus ocios; não enlouquece no isolamento de uma cela; joga a pedida e o pacaú com os seus companheiros; exercita-se no jogo da navalha; aprende com os mais experimentados a fugir da policia, a esconder um roubo, a responder ao juiz, a

furtar um relógio; não é condemnado á inactividade, pelo contrario dedica-se ao commercio de guardar roubos; exerce a industria de fabricar assignaturas falsas, cultiva as artes do desenho fazendo plano das casas que devem ser assaltadas, entrega-se aos officios de mão calosa fabricando chaves e gausas; não come pão negro nem bebe pela bilha de barro, mas tem bom quarto, e boa cama se tiver dinheiro para os pagar, e até lhe consentem que para se distrahir toque marimbas.

E ha ainda quem diga que no nosso paiz faltam escolas profissionais! Que mais completa e acabada a querem do que a do Limoeiro? Haverá preso tão rude ou tão falto de vocação que ao fim de meia duzia de dias não saia da cadeia de Lisboa um perfeito *malandrim*, capaz de se apresentar em qualquer parte sem que envergonhe os seus habéis professores? Querem uma facada dada com todas as regras, um lenço bem empalmado, uma porta arrombada d'uma só vez, um molde bem tirado a uma fechadura? E' pedir por bocca e ir buscar um artista ao Limoeiro, como quem vae buscar uma creada á Misericordia.

O que é innegavel é que lá dentro do Limoeiro aprende-se muito e passa-se muito bem. Ha sujeito que não póde passar tres dias ao ar livre, tantas são as distrações que se gozam n'aquelle oasis penal, e por isso aproveita a primeira occasião de pôr umas tripas ao sol para poder voltar para a sua Cintra. Lá recebem-no de braços abertos.

Se ainda ha alguém no paiz que não tenha ido parar ao Limoeiro, é porque realmente se tem generalisado pouco o gosto por dar uma facada e passar uns mezes em agradável convivencia.

D. FAFIO.

## Neptuno, o d'agua doce



Abrindo os largos diques do Alviella,  
Neptuno prometteu aos lisboetas  
Fazer-lhes collossal, util barrella  
Desde as unhas dos pés 'té as caretas!  
O alfacinha agradece acção tão bella,  
Manda repicar sinos e sinetas,  
Confiado em que muito certo fosse  
O que disse Neptuno, o d'agua doce.

Mas Neptuno intrujou; fecha as torneiras  
Dos seus grandes d'positos das aguas  
Para que desde as lojas ás trapeiras  
Fosse a negra secura igual ás magnas:  
Agua falta aos bombeiros, ás sopeiras;  
Arde o povinho nas mais duras fragoas  
E co'a lingua de fóra corre a esmo  
Sentindo os seus pulmões como um torresmo.

O cheiro dos esgotos se requinta,  
Surtem febres, bexigas, o diabo,  
E vão á laia d'osga, aos vinte e aos trinta,  
Os lisboetas espichando o rabo:  
O coveiro já pensa em comprar quinta,  
De arrobas de quinino se dá cabo;  
E medicos, janotas e parranas,  
Cançados 'stão de receitar tizanas.

Mas acode de Tui o filho honrado  
No hombro erguendo o salvador barril,  
E, entoando um *au* todo aflautado,  
Cura promette ao nosso ardor febril.  
Eu te saúdo, ó servo dedicado,  
Que em Lisboa tiveste o teu Brazil  
N'essas eras saudosas em que o espeto  
Nos mostrava o Neptuno do Loreto!

Lastimo-te, Neptuno do Alviella,  
Pois depois de durissimas fadigas,  
Não consegues vencer a empresa bella  
De que se ufana o bom *Xuam de Bigas*:  
Serás um sabio a dar á taramella,  
Um portento nas rabulas cantigas...  
Mas n'isto de tirar á gente a sede  
Podes limpar a mão a uma parede.





## A POLITICA A BANHOS



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

Politica de bote abaixo salte para aqui que tem ao pé de mim — Tão fraquinha que não pôde entrar pela  
 agua dentro — Como nunca chega a arrefecer torna a vestir-se embora. — A mocidade... nada — O menino não tenha  
 medo do mergulho; agarre-se ao estadulho.  
 N. B. O Pinto Coelho, actual capataz de todas as coisas, não toma banho pela mesma razão que os conserveiros  
 não comem doce.





## BARGOSSI



Bargossi, fendendo os ares,  
Transpondo velloz o espaço  
Como o dardo, como a seta,  
Tem azas nos calcanhares,  
Patenteia os musc'los d'aço,  
E as pernas rijas de athleta.

A cidade em peso applaude-o  
Desde o director da alfandega  
Ao reles fiscal do imposto;  
Quando a coisa cheira a gaudio,  
Quando a coisa cheira a grandeza  
Sempre o povo está disposto...

E elle avança, corre, vóa,  
Na andadura sempre certa,  
Girando como um sarilho.  
E ao vel-o toda Lisboa  
Exclama de boca aberta:  
— Mas que soberbo andariho!

Eufrazia o nariz lhe gaba,  
O pé lhe exalta Sophia  
E Segismunda o toitiço;  
E Eufemia a pensar se baba  
No prazer que sentiria  
Se elle fôra o seu derriço...



Úrsula as mãos lhe encarece,  
Bertha, o nariz regular,  
Elisa a apparencia bella  
E Claudia diz que entontece  
E que se deixa agarrar  
Se elle correr atraz d'ella!

Gaba-lhe Ambrosio a coragem,  
Gaba-lhe a força Gervasio  
E Amancio a graça superna;  
E um marquez de alta linhagem  
Diz, piscando o olho gázeo:  
— Sim, senhor! tem boa perna!

PAN.

## VIAÇÃO INTERNACIONAL



Um mancebo, que não ri, faz presente d um  
caminho de ferro a D. Manola e passeia de ve-  
locipede em Algés.

Um concorrente a Bargossi.

## MONOLOGO DE EL-REI LAMPARINA



Surgiram pensares novos,  
Tornam-se os tempos bicudos...  
E já ninguém leva os povos  
Como carneiros lanzudos! (pausa)  
Agora são bravos toiros,  
Conhecem a praça e o jogo...  
Precisam sentir nos coiros  
Duras garrochas de fogo!...  
Isto amarellece o rosto,  
Traz a mostarda aos narizes...  
E até faz perder o gosto  
De ir á caça das perdizes!

(Assaltado de dôres de colica)



A cobra me devora  
Como se eu fosse um jagodes...  
Valha-me Nossa Senhora!  
Pae do céu, vê se me acodes!

(Abafado com as dôres)

Morro! de suspiros prodigo,  
Esticarei o pernil...  
Sem deixar completo o codigo  
Das minhas leis de funil!...

Quero fazer testamento  
E escrevel-o em papel pardo,  
Embora n'este momento  
Me saia torto o bastardo.

— Deixo a c'rôa a qualquer sobrio  
Japonez, turco ou gallego,  
Que a saiba livrar do opprobrio  
De entrar em casas de prego:  
Deixo o meu manto de arminhos  
A quem prometta ao deus Baccho  
Não limpar n'elle os focinhos  
Depois de tomar tabaco:  
Deixo um adeus a este mundo,  
Outro adeus ao Antonio Vigas,  
A' rainha um ai profundo  
E ao meu povo — duas figas.

(Cae sobre a testa; apanha um bom carvão,  
E morre como o cão que enguliu bolo.)



THEATRO DOS RECREIOS





## A assignatura da Salamancada



D. Manola — Que diabo de demora,  
Então isso vae ou não?

Topa a tudo — Já vem a penna em caminho  
Não desçaime o leão.